

O TERNO DE SANTOS NO POVO NOVO (RIO GRANDE-RS): APROXIMAÇÕES COM OS CAMPOS DO IMAGINÁRIO E A EDUCAÇÃO

ALEXANDRE DA SILVA BORGES¹; LÚCIA MARIA VAZ PERES²

¹Universidade Federal de Pelotas – Mestrando: alexandreborgesh@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – Orientadora: lp2709@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem por intuito apresentar uma prática festiva e religiosa, denominada Terno de Santos, a princípio sob seus aspectos patrimoniais, em seguida, adentrando no campo do Imaginário e da Educação. Tal discussão se faz necessária, dado meu ingresso no Programa de Pós Graduação em Educação e a nova abordagem teórica ao caso estudado. Tal acerto se justifica na medida em que, na graduação, tratei por caracterizar o Terno de Santos como um patrimônio imaterial da localidade de Povo Novo, patrimônio este com suas peculiaridades e, contemporaneamente, vulnerável; por agora, a nova luneta teórica, que visa as concepções do campo do Imaginário, dá margem para novos horizontes que, de forma complementar, se imbrica com as discussões e análises até então apontadas, já que lidar com a memória deste grupo é, também, dar voz à sua imaginação, está com matiz amplificadora de significados, reduto das mais puras sensações humanas.

No Povo Novo (3º distrito do Rio Grande/RS), a *Cantoria de Santinho*, conhecida, também, como Terno de Santos, é uma manifestação festiva e religiosa que tem por objetivo cultuar os santos dos meses de junho e julho, tais como São João, Santo Antônio e São Pedro. Segundo os moradores, este movimento permanece no passar das gerações, sem um marco inicial – aquela velha história de que sempre existiu. No entanto, nota-se uma aguda redução desta prática. Na comunidade em questão, resta apenas um único Terno. Eis o motivo da escolha deste grupo: sua situação de vulnerabilidade, além de ser fecundo no tocante simbólico, viés apreciado e estudado no campo do Imaginário.

O Terno é constituído por um quadro de integrantes, configurado como: mestre, contramestre, músicos, porta-estandarte/bandeira, bem como convidados, os quais auxiliam no coro. A reunião destes ocorre antes mesmo do “cortejo” começar, com o intuito de ensaio, em uma das casas dos integrantes (geralmente do mestre do Terno). O treino conta com a entoação de rimas características da *cantoria*, e de músicas variadas – as quais serão tocadas após o processo de entrada e saudação, tornando o ambiente num característico *bailão*. O ensaio conta, também, com alimentos típicos das festividades juninas (rapadura, pipoca, pinhão, batata-doce, bolos, entre outros), além de chimarrão e cachaça. Meio as diversas peculiaridades culturais que teciam o novo povoado, o Terno de Santos se mostrou vigente, sobrevivendo até os dias de hoje. Este aspecto de permanência pode estar vinculado ao seu cunho religioso, dado ao enraizamento desta natureza nos espaços rurais e, principalmente, com a configuração colonial. Entretanto, há dúvidas quanto sua prática nesse tempo remoto – o que apontaria para uma herança açoriana.

Além da natureza religiosa existe uma realidade festiva, segundo os particulares desta manifestação. As festas são meios de sociabilidade, nos quais as trocas culturais reforçam a identidade de um grupo, em uma constante construção social. Segundo Joaquim de Souza Teixeira, “entendida na sua relação



com a festa, a identidade deixa-se colher mais nos processos comunitários de identificação (uma identidade *in fieri*) do que num modelo estático extrinsecamente proposto (uma identidade *in factu esse*)” (TEIXEIRA, 2010, p. 17). Em *Festas, Ritos e Celebrações*, de Margarida Maria Moura, é apresentado um fator predicado para o entendimento da natureza festiva:

Pode-se considerar como predicado primeiro das festas e celebrações o reforço dos laços sociais de um grupo, fração social ou sociedade. A participação comum, numa concepção de cultura que impõe significados particulares ao fluxo da experiência, envolve uma comensalidade, uma gestualidade, um discurso, uma coreografia, o espírito da roupa, uma sensualidade, uma sexualidade, uma religiosidade, uma política e, até mesmo, uma economia simbólica que entrecruza trocas. (MOURA, 2008, p.33)

Logo, entende-se como reforço a manutenção da cultura – esta, abrangente, que insere todos os participantes num mesmo ambiente, o qual é celebrativo e festivo, no intuito de se fazer uma unidade. Contudo, é importante lembrar dos fatores profanos da festa, os quais contribuem para a frequência de um maior contingente, que vem a usufruir do rito de cosmificação, que a festa proporciona. A cosmificação seria a organização do caos, onde a sociedade se encontra em seu cotidiano. Assim, a festa sagrada anuncia um novo tempo, dentro de suas próprias balizas, como um rito de recomeço (ELIADE, 1992). Na *cantoria*, assim como em outras festas, conta-se com a presença de comidas e bebidas alcoólicas, que oferecem aos seus participantes um aconchego maior. Quando o uso de entorpecentes é demasiado, “O êxtase conduz o ritual a uma ‘subida’ da consciência, que desliga do mundo circundante, pondo uns em contato com outros, com o outro lado, com o fantástico ou com o espiritual propriamente dito” (MOURA, 2008, p.33).

2. METODOLOGIA

A História Oral será a metodologia fundamental para a realização deste trabalho, bem como, o registro fotográfico e audiovisual. Logo, a inserção neste ambiente festivo, nos meses de reunião do Terno, também se faz necessário. A escolha por esta metodologia explica-se pela rara existência de fontes documentais, ou seja, materiais impressos, sendo as narrativas dos próprios moradores do Povo Novo, integrantes do Terno e recepcionista deste, as principais fontes a serem utilizadas neste trabalho.

No tocante a esta metodologia, podemos ressaltar uma conceituação mais ampla, onde a História Oral é vista como:

Um conjunto de procedimentos que se inicia com a elaboração de um projeto e que continua com o estabelecimento de um grupo de pessoas a serem entrevistadas. O projeto prevê: planejamento da condução das gravações com definição de locais, tempo de duração e demais fatores ambientais; transcrição e estabelecimento de textos; conferência do produto escrito; autorização para o uso; arquivamento e, sempre que possível, a publicação dos resultados que devem, em primeiro lugar, voltar ao grupo que gerou as entrevistas. (HOLANDA & MEIHY, 2011, p. 15)

Além da História Oral, a Observação Direta será utilizada para organizar o processo de coleta de dados em campo. Ou seja, as balizas teóricas desta metodologia organizaram as estadias do pesquisador em comunhão com o Terno, na visitação das casas. Por se tratar de uma pesquisa de cunha qualitativo, a Observação Direta torna-se conveniente, já que está imbricada com uma análise pessoal e prolongada, por parte do pesquisador, (re)conhecendo o ambiente e a prática pesquisada sem reduzir-se às narrações dos sujeitos envolvidos (JACCOUD & MAYER, 2008). Assim, numa perspectiva amplificadora, consonante com as discussões teóricas do campo do Imaginário, a Observação Direta vem para equilibrar as perspectivas e natureza dos dados coletados, em conjunto com a História Oral. Esta, privilegiando a caracterização do Terno por parte de seus componentes. Aquela, no tocante da percepção do pesquisador quanto às particularidades da manifestação cultural em voga.

A análise dos dados ocorrerá com os próprios instrumentos das teorias do campo do Imaginário, no intuito de *convergência*, dos possíveis símbolos, emblemas, alegorias e imagens simbólicas que emergirão na análise dos dados. Esta Metodologia de Convergência está presente na Teoria de Durand (1997), o qual retrata as ‘triangulações’ simbólicas como meios para se atingir um poder simbólico, ou seja, a Imagem Simbólica. Estas imagens, ainda, “(...) estão sujeitas a um evento, a uma situação histórica ou existencial que lhes dá colorido. E é por isso que uma imagem simbólica precisa sempre ser revivida, mais ou menos do modo como uma música ou um herói de teatro precisa de intérprete” (DURAND, 1988, p. 33). Este evento, no caso, é justamente a *cantoria de santinho*.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Caminhar pelos campos teóricos do Imaginário requisita um olhar amplificador, o qual não tem como único foco àquilo que está ao centro de sua vista, mas toda a periferia imagética que não apenas circunda o fato ou o objeto, mas, neste caso, os invade em toda sua profundidade. Ainda mais, trabalhar nestes campos é sulcar a terra fértil das imagens simbólicas que surgem do homem, e para o homem, adotando instrumentos que convirjam nas proposições teóricas que regem a labuta. Resultando que, para se trabalhar com o Homem é necessário levar em memória a sua natureza complexa e dual, de matéria e espírito, razão e emoção, consciência e inconsciência dentre outras presenças duais neste SerHumano que caracteriza-se, por tal essência, um homem Histórico mas, também e sobretudo, a-histórico, *simbolycus* e *religiosus*. Eliade nos diz que,

Cada ser histórico traz em si uma grande parte da humanidade anterior à História. (...) a parte a-histórica de todo o ser humano não se perdeu, como se pensava no século XIX, no reino animal e, finalmente, na “Vida”, mas, ao contrário, bifurca-se e eleva-se bem acima dela: essa parte a-histórica do ser humano traz, tal qual uma medalha, a marca da lembrança de uma existência mais rica, mais completa, quase beatificante. (ELIADE, 1991, p. 9)

Mircea Eliade não atenda contra a História ao nos trazer o verso a-histórico do Homem (não esqueçamos que Eliade era um historiador). O que Eliade ressalta pode ser traduzido como a natureza espiritual humana que perpassa os contextos históricos, suas nuances e influências. Assim,

Escapando à sua historicidade, o homem não abdica da qualidade de ser humano para se perder na “animalidade”; ele reencontra a linguagem e,



às vezes, a experiência de um “paraíso perdido”. Os sonhos, os devaneios, as imagens de suas nostalgias, de seus desejos, de seus entusiasmos etc., tantas forças que projetam o ser humano historicamente condicionado em um mundo espiritual infinitamente mais rico que o mundo fechado do seu “momento histórico”. (ELIADE, 1991, p. 9)

É neste “paraíso perdido” onde toda uma complexidade vive, pulsa e dá sentido à humanidade – paraíso tangente à razão, ao tempo e espaço. Logo, é neste recanto que toda a poética do ser, enquanto humano, encontra meios para sua existência meta-histórica. Contudo, esta vivência é plausível em âmbito amplificador onde o exercício da significação não é, pela razão, reduzida. Eliade aponta que “[o] inconsciente, como é chamado, é muito mais “poético” – e, acrescentaríamos, mais “filosófico”, mais “mítico” – que a vida consciente. Nem sempre é necessário conhecer”. (ELIADE, 1991, p. 10)

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As discussões, hora apresentadas, retratam minha inserção no mestrado em Educação, nesta universidade, e meu novo olhar para uma prática cultural pouco conhecida na região, mas que mantém viva sua chama graças à comunhão de pessoas que, por questões simbólicas, aderem ao rito que cosmófica o tempo dos mesmos e, assim, suas vidas. Ver com os olhos do Imaginário e do simbólico, é perceber a realidade elevada à expoentes sensíveis, que amplificam os significados desta prática que identifica, educa e agrega pessoas.

A pesquisa aqui “comentada”, está em plena aurora, conhecendo novos autores, teorias e conceitos, apaziguadores neste ambiente científico que é a academia. Assim, pouco se conclui neste alvorecer da labuta. Contudo, apresentar os Ternos de Santos, suas peculiaridades e sentidos, é dar voz e visibilidade à comunidade do Povo Novo, em específico à cultura *pongondó* (de Povo Novo).

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- DURAND, Gilbert. **A imaginação simbólica**. São Paulo: Cultrix, 1988.
- _____. **As Estruturas Antropológicas do Imaginário**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- ELIADE, Mircea. **Imagens e Símbolos**: ensaio sobre o simbolismo mágicoreligioso. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- _____. **O Sagrado e o Profano**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- JACCOUD, Mylène; MAYER, Robert. **A observação direta e a pesquisa qualitativa**. In: A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos. SALLUM JR, Basílio (Coordenador). Rio de Janeiro: Vozes, 2008.
- HOLANDA, Fabíola; MEIHY, José Carlos Sebe B. **História Oral: como fazer, como pensar**. São Paulo: Contexto, 2011.
- MOURA, Margarida Maria. **Festas, ritos e celebrações**. In: Questões ambientais e sociabilidades. LUCENA, Célia Toledo; CAMPOS, M. Christina Siqueira de Souza (orgs). São Paulo: Humanitas, 2008.
- TEIXEIRA, Joaquim de Sousa. **Festa e identidade**. Comunicação & Cultura, nº 10, 2010, pp. 17-33.